

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 14

FORTALEZA, 31 DE JULHO DE 1887.

SUMMARIO

Expediente :
As conferencias do Club Litterario.—OLIVEIRA PAIVA.
Episodios da guerra de Hespanha em 1808.—DE VIREMONT.
O Cajueiro.—PAULINO NOGUEIRA.
Visão do futuro.—R. DE FARIAS BRITTO.
O falso amigo.—J. MARTINS.
Rosa d'Alvorada.—ANTONIO SALLES.
N'um album.—ABEL GARCIA.
Felicidade.—BRUNO JACY.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

As conferencias do Club Litterario

Por que meio haveremos nós, bemfazejas serpentes do Paraiso, tentar a estes nossos patricios, que vivem, para ali, quaes Adões chronicos, a innocente vida vegetativa? Ser-nos-á preciso uma arvore e um pomo. A arvore é a tribuna e a imprensa; o pomo é a palavra dirigida á parte feminina do ser. Todos nós, mesmo na maturidade,

temos um quê de creança e de mulher, e feliz d'aquelle que, ao masculino de homem voluntarioso, reúne aquellas duas doçuras. Enquanto o homem não abre as suas veias á inoculação do prodigioso filtro do sentimento, não passa de selvagem, ou quando muito, de barbaro. Para ser nobre é preciso saber sentir. Os nossos bons patricios convençam-se de que elles não foram feitos somente para comer carne e farinha; isso era edenico de mais; é preciso que elles provejam da arvore do bem e do mal.

Entretanto, resta demonstrar em como a palavrancia, provincia, é o necessario e bastante para accorder as bellas aptidões adormecidas na alma d'este bom e aventureiro povo:

Primeiro que tudo, instrução é prenda que por aqui não ha; pelo que o estudo accurado, a applicação scientifica do homem sobre a natureza para chegar á comprehensão da sublimidade do coração humano, é geralmente impossivel aqui.

No campo da Arte, nem possuímos a magestade dos monumentos architectonicos, nem a vida silenciosa das estatuas, nem o despertar de uma natureza nova e melhor ao fiat do pintor, nem a transfiguração mysteriosa que nos incute a alta musica.

Arte e Sciencia, portanto, não nos conduzirão ao solio de homens civilizados. Resta in-

dagar si as Lettras poderão servir de aias a este povo infante.

Comece-se por encarar que, as Lettras, cujos orgãos são a tribuna e a imprensa, hoje em dia por tal modo se interessam com a humanidade, que ellas podem dar-se como a melhor synthese da civilização.

Embora em tons geraes, podem ellas despertar as sensações das outras manifestações da Arte: a presença de um maravilhoso palacio, por exemplo, a divina audição de sons musicaes, o desenvolvimento de uma risonha paysagem, etc. etc e até á intuição scientifica das coisas!

Nada é tão capaz de fomentar o patriotismo e accender os brios de uma nação, como a Litteratura.

O Livro acompanha o individuo onde quer que elle vá. Custa-lhe barato.

Que mais? Deve ser uma arma para o cearense. Esta é a idéa do Club Litterario:—o Livro e a Palavra em acção.

E' por isso que, tendo iniciado a publicação da *Quinzena*, vac inaugurar brevemente as suas conferencias; e assim, iremos derrocando, do bastilha em bastilha, a tyrania da indifferença,—indigna e baixa até para os animaes.

Que o povo não seja rebelde á voz do seus melhores amigos; que a sociedade cearense corra a ouvir as palavras sinceras arrancadas á parte mais nobre da nossa al-

mar; que a provincia lembre-se de que é feita para um futuro de glórias e de bom-estar; que os cearenses, cada um de per si, busquem em si mesmos a intuição de que o homem nasceu para a doce alegria do bem, o que só se consegue pela cultura de si proprio; que homem é averso á dôr, cujo movel principal é o ocio do espirito; que o verdadeiro meio de satisfazer a nossa hiante aspiração aos gosos do Emyreco, que é a civilisação, é desprender-nos da ignorancia, o monstruoso peccado mortal que sepulta o homem no hediondo inferno do simples nada dos cemiterios.

Não vale a pena vir ao mundo para viver como qualquer porco de engorda. Não vale a pena habitar um territorio originalissimo como o nosso, domar a bruta e ingente natureza amazonica, e dar o golpe final no captiveiro... para deixar-se ficar a gente para ali como qualquer invadido capenga.

Avante pelo trabalho assiduo! — é o nosso brado.

OLIVEIRA PAIVA

Episodio da guerra de Hespanha em 1808

AS HESPANHOLAS

A guerra da Hespanha estava em seu auge. As legiões francezas por toda parte victoriosas encontravam no masculino patriotismo e sombria energia dos camponezes hespanhóes um outro inimigo mais terrivel e mais difficil de vencer do que os exercitos regulares.

Todos se tinham levantado á invasão do solo nacional: Gallegos, Navarros e Catalões disimavam os invasores por meio de guerrilhas implacaveis e deshumanas; homens, mulheres, padres e creanças todos estavam animados do mesmo odio pelos estrangeiros. Ali as mulheres envenenavam as fontes, acolá os meninos incendiavam um campo, aqui os padres, soldados de sotaina defendiam as egrejas, ultimo refugio dos patriotas, e em falta de munições desancavam o inimigo com pancadas de thuribulos, ou desses pe-

sados Christos de prata massissa, reliquias de outros tempos.

Si uma cidade era tomada, os defensores aterrorados se rendiam. Ficava, porem, a população, e era preciso fazer novo cerco de rua em rua, de casa em casa. Homens e mulheres se defendiam com furia, atirando das janelas, das adegas, arvores. Cada angulo occultava um inimigo, e quando enfim a cidade era conquistada, restava nella apenas um montão de ruinas e cadaveres.

Tal era o estado dos espiritos e o espectáculo que offerecia o norte da Hespanna no meio do anno de 1808.

Alguns soldados francezes, restos debandados de batalhões destruidos erravam na orla de uma floresta da Catalunha, desde muitos dias perseguidos, cercados, alimentando-se de folhas e de raizes de arvores.

Supportavam as torturas da fome tendo em vista ganhar a fronteira, e nesta d'recção caminhavam penosamente, andando de noite e occultando-se de dia, sem armas e quasi todos feridos.

Tudo lhes era hostil. Já duas vezes alguns de seus camaradas tinham pago com a vida sua confiança nos alimentos que lhes davam os camponezes. N'essa lugubre epocha todos eram implacaveis e sem entrinhas. Parecia que Deus atrophiara todo sentimento humano e endurecera todos os corações.

Chegados ao cumulo do desalento, abatidos, sem forças arrastavam os uniformes em farrapos, não entrevendo um fim a seus intoleraveis soffrimento.

Dois dentre elles se tinham suicidado, preferindo uma morte rapida á essa lenta agonia.

N'esse lamentavel estado achava-se esta pequena tropa ao raiar do dia em que começa esta narração.

O tenente que commanda este pequeno destacamento de Francezes quer uma ultima vez tratar de obter viveres.

Deixa o bosque e encaminha-se prudentemente para uma casa elegante e risonha, cujos alvos muros resplandecem ao sol: examina antes de entrar o vaco do interior. O reideiro e os servos entregam-se aos trabalhos diarios; o dono parece estar ausente e apenas apparecem duas mulheres, uma velha e uma soberba catala em toda sua belleza, que se mostra á janella com uma creança nos braços.

Assemelha-se á uma visão celestial. Os cabellos negros como o ebano enrolados no alto da cabeça, á moda hespanhola, presos por um pente brilhante dão á bella regularidade de seu semblante pallido um aspecto imponente e encantador.

Quantas emoções, quantas lembranças, e esperanças esta maravilhosa imagem da belleza feminina desperta n'aquelle coração de vinte annos!

Animado e fascinado, o official mostra-se e vai direito a ella. Brilha um relampago nos olhos da jovem, seu rosto torna-se mais pallido, e graças a algum conhecimento que tem da lingua castelhana elle pode explicar-se em poucas palavras e pinta-lho suas misérias e soffrimentos.

Faz um appello á sua compaixão em nome da humanidade.

Depois de ter tomado conselho no interior da casa ella o convida a descansar e confortar-a si e a seus camaradas, dizendo que seu marido apesar de ser bom hespanhol não recusará soccorrel-os.

Estas palavras pacificas ditas pela graciosa creatura penetram no coração do moço que apenas pode exprimir sua gratidão e felicidade.

Enfim encontram um tecto hospitaleiro onde poderão recuperar as forças necessarias para terminarem sua viagem, e quando elle vai cheio de alegria prevenir a seus camaradas, todos esquecem os males passado e a anciedade em que se achavam é substituida pela esperanza, bem supremo que toda infeliz conserva no fundo d'alma.

O velho cabo, o mais prudente dentre elles atreve-se a proferir algumas palavras de temor que não encontram echo, e todos se apressam a aproveitar-se dessa ventura.

Uma hora depois estavam sob o tecto hospitaleiro onde acham á sua disposição roupa para pensarem as feridas e agua para mitigar a sede que os devora.

Enquanto esperam o jantar que se prepara, a joven mostrando-se interessada, ouve a historia d'elles que o official refere.

O velho cabo tornou-se amigo do menino que salta os seus joelhos, apenas a velha conserva-se affastada e em seus olhos negros e encovados brilham relampagos.

Preparado o jantar servem uma sopa cujo cheiro appetitoso é um supplicio de Tantaló para elles.

Ninguem ousa comer: mas a joven que os observa serve-se primeiro e lhes faz companhia.

Então todos comem com avidex e sem temor. A joven bebe tambem da agua da bilha collocada sobre a mesa.

Não ha mais que duvidar, estão em casa amiga.

No fim do jantar a velha que até então se conservava distanciada aproxima-se e parece se humanisar.

Interroga um e outro sobre seu paiz e suas familias, sobre a guerra e o Imperador e antes que elles continuem seu caminho quer lhes offerecer um copo de vinho de Alicante reconstituinte e generoso.

Uma creança traz a empoada garrafa e a velha toma os copos e com mão tremulla derrama em cada um uma porção de vinho.

Hesitam, a duvida voltou. Esta ve-

Il a de olhos encovados não diz nada que sirva, e ninguém leva o copo à bocca.

Então ella vendo esse receio levantou seu copo cheio e diz.

A' vossa liberdade, meus filhos e à salvão da Hespanha! e bebe-o de um trago.

Todos imitam-n'a, bebem ainda um copo e a garrafa fica vazia.

Alguns minutos depois os sete francezes se estorciam nas dores da agonia com as entranhas queimadas, e a velha megera apparecia no limiar da porta escumando, medonha de ver-se, e fazendo um esforço supremo ia cair morta no meio de suas victimas gritando:

Morto aos estrangeiros! Viva Hespanha!

DÉ VIREMONT.

O CAJUEIRO. (1)

Esta arvore, diz Roberto Southey, é a mais util da America. Um sitio onde o cajueiro crescesse em abundancia tinha tal importancia que ás vezes provocava guerra. (*Hist. do Bras.*, Tom. 1.º, pg. 331.)

Diz Faria que ella é propria dos regides mais quontes do globo (Nov. Dic. da Ling. Port.); mas Pompêo affirma que é silvestre, abunda nas praias e serras e nasce em qualquer parte («*Ens. Est.*», Tom. 1.º, pg. 169, nota 1.º).

Pelo menos no Ceará é as-

(1) É' palavra hybrida, composta da indigena «cajú», com quéda da 1.ª letra, e da terminação portugueza «-eiro» que, junta aos nomes do fructo, significa «arvore»: «cajueiro» ou «cajueiro-arvore do cajú» ou «cajú». O nome primitivo é «cajú», de «cajú» carço e «jú» suffixo: fructo de carço, allusão à castanha (B. Coetano, «*Vocab.*» pag. 21.) Também se pode escrever, sem ser erro, «cajuzeiro», com um «-de» perniceiro, por euphonia. Gonçalves Dias, no seu «*Dic. Tupy*», dá «cajú» também como nome da arvore, no que foi seguido, sem critica nem criterio, por Caldas Auleite, que no seu «*Nov. Dic. Contemp. da Ling. Port.*» chegou a confundil-a com o «mogné» das Indias («*Swaletia Mologonia*»), arvore e madeira inteiramente diferentes. O nome, porém, admittido geralmente e com toda razão é o do texto; pois «cajú» ou «cajú», simplesmente, significa o fructo, mas não a arvore conhecida na sciencia pelo nome de «*Anacardium occidentale*», da familia das «*Anacardeaceas*», ou das «*le. chinthaceas*» de Jussieu.

sim: o cajueiro é tão bundante nas praias como nas serras, sobretudo nas da Ibiapaba e Araripe; por isto andou mal informado Elias Erckman quando suppôz que os Cariris só podiam comer cajús vindo ao littoral, podendo aliás comel-os ou chupal-os em abundancia o á mão na serra do Araripe. (Vide «*Quinzena*», n.º 5, pg. 34, «*Artigo de Capistrano de Abreu*».)

A arvore é de estatura mediana, tronco tortuoso, copa redonda, folhas integerrimas e aromaticas, grandes e asperas; flores pequenas, esbranquiçadas, dispostas em panícula e terminaes. (Faria cit.)

Do tronco reçuma-se uma resina limpida e abundante que, moída e dissolvida n'agua, era pelos indigenas applicada como medicinal.—

Chorava o tronco lagrimas de amlar, Que umas sobre outras em christaes

(pendiam;

Desta resina o pó n'agua solvido É' para os indios grata medicina. De balsamico aroma;.....

(Magalhães, *Conf. dos Tam.* C. 3, Pg. 66.)

Desta mesma resina («*cajú-cica*» ou «*cica*») servem-se os livreiros nas provincias do norte para encadernações. já por economia, já por conveniencia, sendo mais barata e, por causa do amargo, menos atacada dos bixos do que a gomme arabica ou tipioca. (G. Dias, «*Dic. Tupy*»)

O cajueiro, diz Brandonio, demonstra que, de soberbo por se desviar das demais arvores, leva o fructo ao revéz do todas, porque as castanhas que nas demais se escondem no amago dellas, nestes cajús campêam por fóra, em forma que na cabeça do fructo se arreimam de feição que mostram a quem o não conhece quo por alli teve principio. («*Das Grandezas do Brasil*», na «*Rev. do Inst. Archeol.*», e

«*Geog. Pernamb.*» N.º 32, Abril do 1887, pg. 69).

Sua casca é adstringente. (Pompêo cit.)

Floresce em Agosto e Setembro, flôres brancas a principio, depois purpúreas fructifica em Dezembro e Janeiro, carregando ao péso de seus lindos fructos. (G. Dias cit.) Logo no principio do verão vem leves aguacciros ou «pirajás», chamados «chuvas de cajú», porque a melhora deste fructo dellas depende. (Vanhagem. «*Hist. Ger. de Bras.* Tom. 1., pg. 92)

Chamavam os indios á essa chuvas «pirajá», que litteralmente quer dizer—fructa de peixe; porque nesse tempo da floração ainda costumam apparecer cardumes de peixe na costa, e elles suppunham que era para camarem essa fructa. Pompêo escreve, sem autoridade, «*pyraôba*», que se traduz por—«folha de peixe», e é por tanto menos propria e apropriada. («*Vide Memoria sobre o clima e secca do Ceará*», pg. 11.)

Com este nome de «pirajá» ha tambem uma especie de peixe. (Malta, na «*Corog. Hist.*» de Mello Moraes, «*Tom. 2.*», pg. 254.) Tambem se escreve «pirajá» uma especie de palmeira real, espinhosa, com fructos semelhantes ao pecego; mas Humboldt escreve correctamente «pirijá» na sua «*Voyage au Nouveaux Continent*», Vol. 8, pg. 257 e 266.

O pedunculo, a que vulgarmente se chama fructo, é da feição de um cone truncado, de sabor mais doce que agro (Moraes cit.)

Muitos poetas tem-no cantado:

De varias côres são os cajús bellos, Uns são vermelhos, outros amarellos, E como varios são nas varios côres Tambem se mostram varios nos sa

(bores.

E eriam a castanha,
Que é melhor que a de França, Italia,
(Hispanha.)

(Batelho de Oliveira, *A Ilha da Maré*).

Vês nos outros rama bella,
Que a Pannonia por tributos,
Offerece doces fructos
Da amarella e rubra còr?
Ser copado, ser florento
Vem da terra preciosa;
Do prudente agricultor.
(Silva Alvarenga, *O Cajueiro*.)

O cajú perfumado, alma do sangue,
Delicia estiva, juncto à polpa tendo
Em parda castanha saborosa amen-

(Porto Alegre, Colombo, Tom. 2.º,
C. 29, pg. 251)

O nosso povo tem uma expressão com que também celebra esse fructo: «cabello de espeta — cajú»: cabello'duro, levantado, que não cede ás pomadas etc.

Esso pedunculo se desenvolve, torna-se carnudo, tem um succo aquoso, refrigerante e ante-syphilitico, do qual preparam-se limonadas, cajunadas, mocororó, vinagre e vinho. (Barbosa Rodrigues, na «Rev. do Inst. Hist.», Tom. 41, pg. 36.)

Tambem é cantado pelos poetas não só esse vinho como o seu processo: —

... os rudes caboclos foram mestres,
Que ensinaram os nomes, que se
(estillam
lanipo è cajú vinhos distillam.

(Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 46)

Em varias jarras, em porangos varios,
Fervendo a espuma, o hydromel d'a-

(belha,
A igaçaba cheirosa, o vinho olento
Do gostoso cajú;

(Porto Alegre cit. C. 29, pg. 255)

... de seus fructos
Fabricam elles precioso nectar;
E quem mais talhas tem deste au-
(reio vinho
Mais rico se reputa entre os selva-
(gens.

(Magalhães cit. C. 3, pg. 66.)

O professor J. Alves de Carvalho tambem fabrica, nesta Capital, uma bebida apreciada, á que chama, pelo sabor e

pela còr, — «champagne de — cajú.»

Do pedunculo ainda se faz excellento doce, a que os indios chamavam «cajú-ém» (G. Dias cit.), e da polpa secca fazia-se farinha que os naturaes preferiam á qualquer outra, reservando-a como o melhor acepipe. (Roberto Southey cit., pg. 332.)

O succo expresso é excellento remedio contra a ascite (Pompêo., Ens. Est. cit.); e delle tambem se faz a «cajuru-beba, depurativo do sangue contra a syphiles e molestias cutaneas.

A cajunada de manhã em jejum é estomacal, desenfasticata e dissipa febres

O mesmo pedunculo, antes de amadurecer, chama-se «maturí», que se emprega em guizados. (B. Rodrigues cit.)

Da parte opposta á em que está pegado aos ramos, tem uma castanha dentro de uma casca mai oleosa, caustica, da feição do rim do porco, còr cinzenta: tirada a casca apparece uma amendoa saborosa, que se come assada ou se confeita; e serve de amassar-se em bolos, doces, pudim etc. (Vasconcellos, «Not. Cur. e Nec. do Bras.»)

Esse oleo caustico é proprio para destruir verrugas (Faria cit.); e cancos (Beauperthuis e a amendoa tem, segundo algumas versões, effeitos aphrodisiacos. (B. Rodrigues cit.)

Com a castanha os indios contavam os annos e as idades, guardando uma cada anno. (G. Dias cit.) Tambem contavam os annos pela florificação dos cajús, as suas quadras pelos fructos então amadurecidos, pelo cahir das folhas. (G. Dias, «Brasil e Oceania», pg. 238.)

Temos tambem, alem do cajú, o «cajú», especie de cajú

pequenino, de quo encontrei, em 1870, extraordinaria abundancia, como em nenhuma outra parte, na serra da Ibiapaba. A arvore tambem é melhor que a do cajú; d'ahi o verso popular, que se encontra nos «Cantos Populares» de Sylvio Romero, Vol. 1.º, pg. 204:

Cajueiro pequenino
Carregado de «fulô»,
Eu tambem sou pequenino
Carregado de «atô.»

Ainda temos o «cajuciro-brabo» (2), a que os indios chamavam «sambaiba», corrupção de «hobáiba», que quer dizer — arvore de folha aspera. (B. Cactano cit., pg. 165.) É arvore pequena, tortuosa, com flores de cheiro agradável, mas sem fructo, o com as folhas tão asperas e consistentes, que servem na marcenaria de lixa para alisar a madeira; e o seu cozimento, diz Chernoviz no seu «Formulario», é adstringente e emprega-se em banhos contra a inchação das pernas e dos escrotos.

Das vergontes mais finas tiram-se muito fortes chibatitas, e a entre-casca tem o mesmo prestimo que o «macacú-mirim» no Pará: os pescadores mettem as linhas, com que hão de pescar, no succo resinoso, que extrahem da entre-casca, afim de lhes não desgastar tão depressa, como lhes succede, quando lhes não fazem esta mão de obra. (G. Dias, Dic. cit.)

Da madeira os indios faziam suas bozinas, e se tiram pranchas para a construcção, sobretudo, de navios.

PAULINO NOGUEIRA.

(2) Chamo «brabo» e não «bravo», como dão os dictionarios da lingua, fundado na autoridade de José de Alencar, no «Gaúcho», Vol. 1.º, Nota.

VISÃO DO FUTURO

(SOBRE AS RUINAS DE TAPUIÁ NO AQUIRAZ)

(Estão ahí os restos de um velho templo christão abandonado.)

Tudo revela miseria e decadencia.
 Desperta o coração, se move a consciencia
 Cheia de custo e dor
 Tudo parece escuro e cheio de terror,
 Tudo revela a morte e tristes amarguras.

Em torno verdejantes, lucidas planuras,
 Os sonhos, a paixão, a vida, o movimento;
 No templo o abandono, a queixa, o soffrimento,
 O desespero, a morte: a noite do passado!

Eis a vida, eis o mundo, o quadro angustiado.
 Da triste realidade! Embalde se procura
 Na noite pavorosa emmensamente escura
 Do passado sondar os lugubres mysterios
 Da vida: só se ouve os sons tristes funereos
 De eternas lamentações.
 Não derramam mais luz os pallidos clarões
 Das estrellas, e a mente fraca anniquilada
 Não entendida vida a grande caminhada.

O que vale a grandeza, os sonhos da vaidade?
 É triste, é miseranda a fraca humanidade.
 No momento em que aos ceus queremos levantar
 A vista procurando os ceus enterrogar,
 Já nos falta nos pés a terra em que pisamos
 Sem descanso, sem fé, proscriptos e minhamos
 Em busca de um paiz que a vista nunca alcança.
 E quando nos sorri o anjo da esperanza
 Um instante e nos diz:—« A terra do futuro
 É já perto, está ali—» se ergue o anjo impuro
 Da descrença e no meio de gritos furiosos
 Nos enche de terror e sustos pavorosos.

Vede aqui: hoje em terra um templo abandonado
 Outr'ora cheio de vida e todo illuminado,
 Centro de amor e preces fervorosas,
 Tornou-se um ántro escuro, e sombras pavorosas
 Em vez da luz dominam nos altares.

A vida é uma serie infinda de penares.
 Vejamos: ha aqui por cima o esplendor
 Do ceu; por baixo o pó e o quadro esmagador
 Da triste solidão. É a forte ventania
 Que traz da matta escura a voz rouca e bravia
 Dos tigres e leões,
 Soltando para o espaço enormes maldições,
 Sacode com furor as portas despregadas
 Do pobre templo: e tristes loucas gargalhadas
 Repete o echo ao longe, emquanto vão tombando
 Pr'a terra ao menor choque, podres se quebrando,
 Roidas pelo templo, as negras fechaduras.

Quem pode penetrar o arcano das alturas?
 Quem pode ler nos ceus o enigma insondavel
 Da vida e do universo? Um veu impenetravel,
 Abraça, envolve tudo. Ao pé de cada rosa
 Derrama um verme impuro a baba venenosa
 Da morte, e tudo va marchando para o nada.
 É a lucta sem fim, cruel, desesperada
 Dos seres como que transforma n'um clamor
 Infindo a natureza. D'um quadro de terror
 O eterno caminhar da eterna agitação.
 A flor apenas vem saindo o botão
 Desfaz-se e vira pó: e assim é tudo o mais.
 Não sabem entender os miseros mortaes

Seu longo caminhar: a onda indefnida
 Do eterno movimento,
 Mixto de agonia, lucta e soffrimento
 Se levanta feroz e cresce sem medida,
 Sem termos, e tudo leva e arrasta para a morte.

Embalde é que trabalha o homem p'ra ser forte.
 A mão do tempo esmaga as nossas esperanças,
 Sempre, sempre a sonhar: emquanto o despotismo
 Da força universal nos leva para o abysmo
 Da morte e da solidão!

O mundo é uma immensa, atroz lamentação!

Mas não; logo protesta o genio da verdade.
 Do seio da velhice a loira mocidade,
 Bem como por encanto alegre vem saindo.
 Torna-se o templo novo; o ceu fica sorrindo.
 Um grupo de mancebos fortes, luctadores
 Collocam-se com fé, por entre mil clamores
 No alto das ruinas,
 E erguem para o ceu estas canções divinas:

« Eis aqui o silencio, a negação da vida,
 A triste solidão, a morte aterradora!
 Façamos d'esta sombra immensa, indefnida
 Surgir a luz da aurora.

É grande, é nobre, é bella a lucta do futuro
 Como um sonho ideal que leva para o ceu.
 Luctemos: em noss'alma o sentimento puro
 Do ideal não morreu.

A nossa patria chora: immenso patriotismo
 Enflamme-nos a alma e faça-nos heroes.
 Veremos que não é o mundo um negro abysmo
 Mas dança de mil soes.

Em cada um de nós empere a mocidade.
 Temos no peito fogo e ardor no coração.
 Façamos fulgurar no seio da humanidade
 A nossa geração.

Aqui a terra, o pó, miserias e ruinas,
 Um quadro atterrador sombrio como o mar:
 Mas temos dentro d'alma inspirações divinas
 Podemos caminhar.

Marchemos: e aqui por cima das ruinas
 D'esse templo com forte e energico vigor
 Cantemos o progresso e as crencas purpurinas
 Do bem restaurador.

Facemos desse templo a rocha do progresso
 E diga cada um de nós:—heide seguir!—
 Bebamos nesta sombra a luz que dá ingresso
 P'ra os feitos do porvir.

Juremos com vigor em face do passado
 Que temos força n'alma e paz no coração
 E saibamos achar nas ruinas o legado
 Da morta geração.

E assim sobre este chão gravemos nosso nome.
 E dentro de noss'alma eterna juventude
 Affirmemos haver, que o tempo não consumme
 O sonho da virtude. »

O echo repetiu no centro da floresta.
 O cantico immortal;
 E o mundo transformou-se logo n'uma festa
 Immensa colossal.
 Omar roncava ao longe, a terra estremeceu,

E logo illuminado o ceu appareceu
De argenteos purpurinos, lucidos fulgores.

Era a aurora do bem: em cantico de amores
Entoou suspirando o genio do futuro.

Desfez-se da incerteza o denso veu escuro,
Brilhou a luz no ceu, tornou-se bello o mundo.
Era o puro ideal renovador fecundo
Do futuro, sublime, novo, illuminando
A humana consciencia. Então tornou-se brando
O sopor ateador da forte ventania
E logo cheio de luz e cheio de harmonia
Esvoaçou no espaço o anjo da esperanza.

E eu digo: Me convenco: o mundo é de bonança.
Existe o negro mal, existe o crime impuro;
As vezes faz-se o ceu medonhamente escuro,
E isto nos faz crer que a vida é uma miseria.
Mas no meio do mal, no centro da materia.
Se sente a luz do bem, murmura a consciencia.
O mundo é uma harmonia. E diz-nos a sciencia
Verdadeira em resposta a voz da maldicção
E ouvindo a doce voz da doce compaixão:
Olhae: quando desponta a luz da branca aurora
Purpúrina, ideal, sublime, encantadora,
Que a terra se transforma em luz e poesia,
Desperta o coração, desperta a phantasia,
E o mundo se concentra inteiro dentro d'alma.
Então é que se tem a verdadeira palma
Do bem e da virtude;
Então é que se tem a eterna juventude;
Então é que se entende a voz da natureza
E pode-se dizer: o mundo é de grandeza.

R. DE FARIAS BRITTO.

O FALSO AMIGO

A LUÍZ AMÉRICO

Sabe-se, e é certo, — o ouro reluzente

Forma-se as vezes da lodosa terra
No vasto seio — que o segredo incerra
Da per'la fina, do cristal lusente.

No fundo abysmo dos profundos mares,
Sabe-se, existem mil familias raras
De monstros nil com que jamais contaras
O domador das aguas e dos arcs.

Sabe-se emfim da varia natureza
Fundos mysterios. Com fatal certeza
Marcam-se agora os dias do perigo.

Só uma cousa ninguem sabe e evita;
É conhecer o peito onde palpita
O torpe coração do falso amigo.

2 — Julho — 87.

J. MARTINS.

ROSA D'ALVORADA

Esmorecia ao longa o garganteio
Dos gallos; pouco a pouco, e docemente,
Folia a folha, de cumulus no meio
Desabrochava a rosa do nascente.

Expandia-se mais e, subtilmente,
Ganhava todo o céu; — no enorme seio
Brilhava um rocio estranho e refulgente,
E de aromas o espaço estava cheio...

Mas, subito, tremeu no bastil enorme
E murcheu e pendeu; e, em bando informe,
As pet'las pelos pincares do montó

Voaram... Quando a palpebra radiosa
Do sol se descerrou, da pobre rosa
Nenhum vestigio havia no horizonte.

ANTONIO SALLES.

N'um album

EXM.^a SR.^a D. F. CLOTILDE BARBOSA
LIMA

Si entre nós o espirito publico não andasse tão desgarrado das preoccupações elevadas da arte e da litteratura; si os que não têm ainda o cerebro razi de idéas e o coração atrophinado sumissem por momentos da contemplação mystica, do quietismo oriental do fakir diante do disforme fetiche — a politica; si as pretendidas classes dirigentes do pensamento nacional não portiassem em realizar o ideal hindu do — nirvana — espiritual, paralyzando os sobresaltos d'alma pelo proposito de não pensarem e não sentirem; si as individualidades privilegiadas como vós, como Adelina Lopes Vieira, como Julia Vieira, como Carolina von Koseritz, como Maria Lucia Romariz e outras, poderiam cobrar justissima popularidade, que é a apothéose em vida.

No pequeno circulo, porem, d'aquelles que dam-se aos prazeres d'espirito e d'aquelles que, em franca gargalhada, metralham com epigrammas mordentes o *bon sens* dos Prud'homes, a gymnastica dos politicos empiricos, thema eterno da caricatura e do humour, e os que arvoram em religião o egoismo, as manifestações de vosso talento, que, ora em finos e elegantes versos polvilhados de adoráveis imagens, fallam á nossa sensibilidade contando-nos uma odyssea de desillusões e anceios, ora em prosa lucilante, segredam-nos umas historias simples em que o que menos valia pôde ter é o rendilhado de ouro da linguagem que as enroupa, essas encantadoras creações de vossa pena são por nós consideradas uma contribuição para a edificação magnifica que ha de servir de portico ao templo futuro da litteratura brasileira.

Pensais e sentis com uma vibração que nos toca e surprehende pela doçura e profundeza do accento e

que vos singulariza, isto é, que communica ás vossas composições uma nota original, intima, toda pessoal.

É que não vos fallece a condição vital da arte, — o poder de expressar e transmittir a emoção moral e a exaltação intellectual, a viva sensação da forma e do colorido.

Mas nem a exquisita delicadeza da contextura, da forma, nem a originalidade, o sainete do inesperado, que procurais imprimir em vossa poesia e em vossa prosa, vos pode reinir do defeito que, antes resultado de vossa educação esthetica e intellectual do que originado por imperfeição organica de vosso talento, resalta em quantos trabalhos vossos tenho lido. Este defeito posso resumir n'isto: a preoccupação do absoluto e a inexactidão de observação, productos legitimos do — romantismo que disvirtua vossa organização de artista e da — creença religiosa — metaphysica que impede-vos de ter clarividencia das coisas.

A' critica, mas á critica como é lida je feita em litteratura, em arte, etc.,

serena, com fóros de sciencia, como comprehendem-n'a os Taine, os Véron, os Sylvio Romero, e he abrir o verdadeiro caminho á marcha de vosso bello espirito.

Até agora, porem, os encomiastas insulsos, creio que mais pela impossibilidade de adaptarem-se intellectualmente á comprehensão da mais pura e correcta expressão d'arte do que pelo consciente proposito de embriagar-vos com as emanções da lisonja que não impressionam os olfactos delicados, têm proclamado que todos os vossos productos litterarios apresentam a correcção plastica da estatuaria grega, são uma Venus de Milo, molde supremo da formosura primitiva eternizada no marmore, completa, sem falhas, tendo até braços.

Não, minha senhora. No cair dos horizontes roseados pelo fulgor de vossa imaginação poetica ha laivos de sombra, ha mesmo mancha a purdejar; nos vossos contos, romancetos ou estudos de costumes pullulam exaggeros, inexactidões de observação, avulta como que uma hypertrophia de sensibilidade, que a fantasia e a indisciplina mental creem.

O grande remedio eil-o:—o methodo naturalista. Desprendei-vos da falseada supposição de que o romantismo é forma inmutavel em poesia, é a verdadeira intuição no romance ou no drama, quando essa phase litteraria, transitoria, que já passou, não pode ser hoje mantida sem pervertimento do bom gosto, da verdade e da emoção esthetica. Marca elle uma evolução do pensamento humano: não serve hoje de foco de inspiração senão áquelles que, sem originalidade inventiva, porfiam em emittações trapentas.

A questão, a que me refiro, não é de forma, de vestidura, puramente exterior: é de idéa, de pensamento.

A arte nova quer isto: a expressão sincera e espontanea dos sentimentos, as idéas adquiridas pela observação e analyse das coisas e dos factos. O que della afastar-se será facticio, superficial ou postico. A emoção e a verdade ha de escassear-lhe.

Na poesia, no romance, como em qualquer outra manifestação artistica, o processo naturalista emprega, em substituição ás explicações phantasticas do idealismo, o estudo directo do mundo physico - a natureza e do mundo moral - o homem.

Mas escassea-me espaço para abandonar-me a explanações sobre este assumpto e muito menos sou solicitado pela velleidade de discutir aqui vossa personalidade litteraria.

Aguardo maior tranquillidade de ánimo, que ora me fallece, para dar a ultima de mão em um estudo critico sobre os—Nossos poetas de hoje,—em cuja parada brilhante figura V. Exc. Então, servindo-me do novo processo critico, procurarei analysar

linha por linha o contorno gracioso de vosso perfil litterario.

Quereis, porem, que vos aponte como guia dous modelos palpitantes de vida? Vou indicar-vos aquelles cujo talento é como que um facho vivo a illuminar novas faces n'alma humana e na natureza.

Eil-os: Zola, em França, e Eça de Queiroz, em Portugal, dous homens que trabalham incessantemente tendo por instrumentos maravilhosos de producção—a synthese e a analyse.

São duas autoridades indiscutíveis: segui-os, a elles, os grandes artistas que resumem o seu trabalho em—conhecer, observar e pintar.

Inspirando-vos no methodo fecundo da observação e experiencia, subtrahindo-vos á tyrannia do divino e do ficticio, podeis vir a ser a nossa M.^{me} Ackerman e a nossa M.^{me} Daudet e opulentar o cabedal de nossa litteratura acrescentando-lhe joias de subido preço.

Até hoje tendes nos brindado principalmente com scenas pinturescas das magnificencias da natureza tropical, da terra opulenta saturada de sol, onde se esbate o azul que em nuvem de suaves effluvios baixa do céu. As galas do mundo exterior como que vos absorvem ferindo-vos vivamente a imaginação.

Paysagista, mesmo quando procurais mergulhar no fundo d'alma humana, apresentais os resultados de vossas pesquisas psicologicas envoltos no manto doirado das imagens que vos empresta a decoração da natureza.

Impressionista, porem, não annullais o vigor de expressão, a espontaneidade de pensamento e sentimento, pela preocupação da forma rebuscada, com que alguns poetas parnasianos supprem a escassez de originalidade de idéa.

As primicias de vosso talento auctorisam a prognosticar-vos successo no romance psicologico.

Largo espaço abre-se n'este dominio da litteratura á vossa creadora actividade: ali estão ainda por estudar os variados aspectos da sociedade e civilização brasileira, a psychologia intima e a psychologia social, terreno maninho quasi, onde pouco profundos têm sido os sulcos abertos por dous ou tres trabalhadores que se animaram a aral-o.

Releve-me V. Exc. estas considerações sem valia.

Uma convicção devo, porem, fixar em vosso animo: é que, onde quer que o galopar impetuoso da torrente do destino me leve e quaesquer que venham a ser as modificações em minhas idéas, a liturgia de meu culto pelos espiritos selectos de meu tempo e de minha terra terá sempre formulas rituales que honrem vosso nome.

ABEL GARCIA

Fortaleza,—3—7—87.

Felicidade !...

Vi-o quando chegou. Vinha confuso, atrapalhado, não por elle mesmo que trazia amarrada na trouxinha a carta do liberdade, mas procurava a mãe, que fugira poucos annos antes e não tinha carta.

A Martinha não esperava o filho. Também não teve sobresalto nem alvoroço de alegria. Elle estendeu de longe a mão aberta e ella traçou uma cruz no ar, machinalmente, perguntando si elle estava bom. Os escravos não conhecem grandes emoções, acham tudo natural e simples; com a mesma passividade submettem-se aos impulsos da natureza e ao chicote do feitor.

Ella assentou-se no chão contra a parede, com os joelhos juntos e erguidos, as mãos entrelaçadas, abraçando ambas as pernas, e desfazia-se em perguntas com um grande esforço de attenção abestalhada e curiosa.

Perguntava pela filha. Si já tinha filhos? Com quem estava? Porque tinha vindo?

Ele contava tudo minuciosamente, sem rodeios, dizendo as cousas pelos seus nomes, sem constrangimento.

Ella desapprovou.—Que a filha fazia mal. Devia ter vindo logo. Deixasse-o! Andava mal encaminhada. E chamou-lhe um nome feio.

—Sabe? disse elle. A Vicencia está livre.

—A Vicencia? E como?

O rapaz começou a explicar. Tinha avançado para a senhora moça, que estava lhe surrando o filho, um moleminho de seis annos, um ventre livre, e tomara-lhe a creança. Fora depois agarrada e mandada para o carro. Déram-lhe uma surra medonha, quasi a matam. Ella fugiu e veio para a cidade com as costas em carne viva, toda retalhada de chicote.—E os moços da abolição ahí mesmo torraram ella...

—Que felicidade!... interrompeu a Martinha.

«Mandar-n'a para o hospital, esteve entre a vida e a morte mas, quando sahiu, déram-lhe a carta»

—Veja lá o que é ter sorte, hein!...

O rapaz insistia em pormenores sobre os ferimentos da Vicencia. Tinha detalhes horriveis. Asseverava que haviam deitado sal nas feridas.

Finda a narração, a Martinha perorou lentamente, com um tom de convicção profunda, repassado de inveja:

—Quando a gente é feliz, é assim mesmo!

BRUNO JACY.

ANNUNCIOS

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE
Produtos químicos e especialida-
des pharmaceuticas
nacionais e estrangeiras.
Sortimento completo de homop-
atia em tintura, globulos e cartap-
ras. Receitas a qualquer hora. Pro-
prios medicos.
36--RUA DA BOA-VISTA--36
CEARA'

Motta Vieira & C.^a

83--Major Facundo--83
FORTALEZA
Importadores e ex-
portadores.



A QUINZENA

Escritorio da Re-
dacção

RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Todos os negocios relativos à ad-
ministração trata-se com

O gerente,
JOSE' OLYMPIO.

CLUB LITTERARIO

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas
da manhã às 10 da noite.

Acham-se à disposição dos Srs.
socios jornaes e revistas nacionaes
e estrangeiros.

LOTERIAS CEARENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transfe-
rencia. Bilhetes à venda nas ca-
sas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na
provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insi-
gnificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero,
conquistando, assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de
Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo
assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustra-
do publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento,
cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus
proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais
o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e es-
colhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

Notre-Dame de Paris
LOJA DE MODAS E NOVIDADES
RUA DA BOA-VISTA N. 41

Este estabelecimento se acha mon-
tado com elegancia e luxo, recebe
directamente de Paris, Hamburgo,
Munenster e outras praças da Eu-
ropa, todos os artigos de que se
compoe o seu sortimento, podendo
assim offerecer vantagens nos pre-
ços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de lu-
xo, chapéus e tecidos, novidades.
Enxovas para casamentos e ha-
bitizados.

NABOR A. CHAGAS & C.^a
Ceará.

COSTA SOUZA

Especialidades em fazendas mo-
dernas, chapéus, calçados, luvas e
perfumarias finas.

Fortaleza
86 A Rua do Major Facundo

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas ro-
manas e um grande sortimento de
obrafrancesas e roupas por me-
dida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta
provincia tem sempre es-
colhido sortimento de tudo que
diz respeito a
Joalheria, Relogios
de todos os generos
Compram sempre ouro ve-
lho e moedas.

73 --RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especia-
l em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc
Objectos para viagens, brinquedos
para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escritorios, ba-
nheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

RUA FORMOZA N.º 71.